

Cristãos no Movimento Abolicionista no Rio de Janeiro do Século XIX: Alice Clapp e os benefícios do cristianismo contra a escravidão

Miriam Cristina Zanutti de Oliveira¹

Resumo: O movimento abolicionista no Brasil no século XIX contou com a participação de várias personagens na luta contra a escravidão. Entre homens e mulheres, destaca-se a família de João Fernandes Clapp, que na figura de sua aliada principal, a filha Alice Clapp, participou ativamente na sociedade abolicionista feminina, bem como, em outras frentes do movimento. Os periódicos do século XIX, são as fontes com mais informações sobre a jovem no abolicionismo do Rio de Janeiro junto ao seu pai. No periódico *Gazeta da Tarde*, de 1 de fevereiro de 1881, ed.28, p.2, um artigo de sua tradução com o título *Benefícios do Cristianismo*, menciona a importância de cristãos não coadunarem com a escravidão sendo uma desonra a Cristo. Alice Clapp fora criada na igreja católica e sua compreensão a respeito da abolição passava pela fé cristã, em que deveria estar alinhada com a liberdade do escravizado e abominar qualquer relação de simbiose entre Evangelho e escravismo. Neste artigo pretende-se analisar o contexto em que foi escrito e o sentido teológico do cristianismo não concordar com as hostilidades da escravidão.

Palavras-chave: Abolicionismo. Alice Clapp. Cristianismo. Periódico. História.

INTRODUÇÃO

O contexto histórico da escravidão do Brasil Imperial na segunda metade do século XIX, contava com a participação da sociedade civil no movimento abolicionista a fim de erradicar o sistema escravista. A oposição à escravidão utilizou como principal veículo de propaganda abolicionista os periódicos. É possível encontrar referências de agentes diversos promovendo meetings, conferências, manumissões, com o objetivo de impulsionar mais adeptos no movimento abolicionista. Entre os personagens masculinos e femininos, a escolha por Alice Clapp se destaca por ser a filha do presidente da Confederação Abolicionista, João Fernandes Clapp. Em uma sociedade cuja cultura ainda era a presença pública da mulher ligada a figura masculina familiar, Alice é introduzida no abolicionismo da Corte através do seu pai. O seu brilho próprio passa a ser percebido à medida que está envolvida na causa contra a escravidão e seus talentos são expressos e oportunizados nos encontros e associações abolicionistas.

Com talento para traduções, Alice inicia sua vida no movimento abolicionista com treze anos de idade e a primeira referência a seu nome consta no *periódico O Globo: Órgão da Agência Americana Telegraphica, Dedicado aos Interesses do Commercio, Lavoura e Industria*, no dia 22 de março de 1877, parabenizando pela publicação do *Catecismo do Bom Republicano* do jornalista francês Elphège Boursin, em 1877. Em seguida, ela traduz a obra do historiador

1 Doutoranda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Financiadora Capes/Taxas. E-mail: miriamzanuttis@hotmail.com

inglês William Hepworth Dixon, *A Suíça Contemporânea*, de 1872. A primeira obra traduzida representa o conceito de República como forma de regime mais avançado com objetivo de substituir a monarquia. A segunda obra perpassa pela política republicana adotada na Suíça e apresentação do contexto geográfico e social do país no século XIX.

Alice passou a ser figura conhecida nas conferências abolicionistas da Associação Central Emancipadora, eleita diretora do Clube das Senhoras Abolicionistas, colaboradora do jornal *O Sorriso*, pianista dos jantares em família, cuja presença contava com membros das diversas sociedades abolicionistas. Sua habilidade também se fez presente em quermesses e sua religiosidade cristã se tornou mais evidente ao traduzir um trecho sobre os benefícios do cristianismo. Sendo os periódicos o meio mais oportuno de espalhar a mensagem abolicionista, vários textos cristãos são referenciados mostrando que o papel da religião era se associar à abolição dos escravizados. Portanto, Alice Clapp deixou registrado que a fé em Cristo é sinônimo da liberdade e seu antagonismo é a repressão ao semelhante. Ao traduzir um texto se referindo a Cristo, ela expõe o tema religioso como mais um instrumento a favor da abolição.

1 CRISTÃOS CONTRA A ESCRAVIDÃO

Alice Clapp foi criada em lar católico, algo comum para o período oitocentista, pois a religião cristã católica era a oficial do Império. A população fluminense contava com grande número de cristãos católicos, sendo muitos abolicionistas. Todavia, a igreja católica se absteve durante muitos anos em apoiar oficialmente o movimento abolicionista. No Brasil os abolicionistas buscaram nos teatros os espaços para sua propaganda, enquanto nos Estados Unidos e Inglaterra, os templos protestantes serviram deste espaço. Mesmo sem apoio declarado do alto clero, cristãos recorreram ao elemento religioso como ideal libertador. Tanto para convencer o público, como para si mesmos, abolicionistas aproveitaram a fé apontando as contradições da escravidão com o evangelho, que fora empregado séculos atrás para reforçar a subserviência do negro africano e a superioridade da raça senhorial.

Voltando um pouco no tempo, compreende-se a ruptura no século XIX com os séculos anteriores em que discursos cristãos favoreceram a escravidão. O clero da igreja deixou alguns textos contrastantes, por vezes sem má intenção, mas uma leitura dentro do contexto da época destoava com as Escrituras. Um dos mais utilizados, foram os sermões do padre Antônio Vieira, que não era um escravista, porém, partes de seus textos alimentaram a ganância dos escravocratas corroborando com seus ideais. A fé por vezes ao ser aplicada conforme os desígnios pessoais, sustentou um sistema meramente humano. No entendimento do escravocrata a leitura de textos bíblicos com aval do Todo Poderoso, simbolizava a normatização do sistema escravista, começando pelo comércio escravo até as chibatadas. A fé não foi o elemento motivador e principal da escravatura, porém substanciou sua manutenção.

[...] deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós

vivíveis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis... Oh! Se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer des-terro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre? (VIEIRA, 1998, p.138-139).

Não havia limite para distinguir os excessos na escravidão e na forma como os africanos foram trazidos para o Brasil. No sermão acima do padre Antônio Vieira a Providência destinou os negros para não morrerem no seu paganismo a fim de que tivessem oportunidade de acolhimento num ambiente, que apesar de toda dureza contra seus corpos, mente, família e trabalho, o sopro do alento era conhecer a Cristo pelos seus “enviados”. Era inexorável o sofrimento dos negros, mas somente para eles, pois aos comerciantes de escravos e senhores de engenhos, tal dor não atingia nem as pontas dos dedos de seus pés.

A “boa ação” em trazer os africanos para aprenderem no Brasil a fé cristã não se cumpriu devidamente. Os negros não podiam participar ativamente e, menos ainda, livremente das atividades sagradas da fé católica, o máximo que podiam fazer era assistir as missas atrás das treliças de madeira das igrejas. Então, a legitimidade da graça cristã não aconteceu na mesma proporção da dureza da escravidão. O negro foi adquirindo seu conhecimento da fé católica na medida do convívio com cristãos e de sua observação, sincretizando com seus costumes religiosos africanos. A fé mais ávida à sua compreensão foi Maria mãe de Jesus, filiando-os à mãe sofredora. Esta identificação concedeu ao negro a sua própria igreja, Nossa Senhora do Rosário, onde é possível encontrar capelas em todo Brasil até os dias de hoje.

Os ventos abolicionistas começaram a soprar, vindos da América do Norte, da Inglaterra, da França, da Espanha. O segmento cristão protestante americano e inglês dava um tom mais pesado na desconstrução do escravismo desde o século XVIII, mas “aqui a tradição católica e a indissociação entre a Igreja e Estado puseram a estrutura religiosa do lado escravista.” (ALONSO, 2015, p.356). A igreja oficial não tomava a mesma posição dos protestantes, mas os abolicionistas católicos inflamaram com retóricas pujantes nos ambientes laicos. O médico abolicionista Nicolau Moreira, orador oficial na 9ª Conferência da Associação Central Emancipadora no dia 19 de setembro de 1880, fez a seguinte referência entre a conduta cristã e a escravidão:

A invocação das Escrituras, em favor do cativo, seria uma inépcia, se não fosse uma heresia. Não; o Homem-Deus, não pode ser o representante de uma religião, que sujeite a criatura ao cativo. A razão e a liberdade, doadas à criatura, protestam altamente contra tão grande heresia. O verbo, que se fez carne, encarnando-se no ventre da mulher de um proletário, preferindo um pardo para seu nascimento, fazendo-se depois acompanhar por doze homens plebeus, em sua peregrinação revolucionária, não distinguia raças; premiava tão

somente as virtudes, e antes de exalar o último alento pela causa que proclamara, deixou fluírem-lhe dos lábios as seguintes palavras: vos autem omnes fratres estis [mas vocês são todos irmãos]. Quebreemos, portanto, meus senhores, no mais breve prazo possível, o último anel das algemas do cativo. Estou certo que a posteridade louvará os nossos esforços, aplaudindo-nos a humanidade ao ver transformarem-se as lágrimas dos infelizes cativos em bênçãos de gratidão (MOREIRA, 1880, p.3).

O discurso acima indica os contrastes entre aqueles que sustentaram o cativo com base no divino para legitimar o sistema escravista e a interpretação bíblica da não aceção de pessoas, quaisquer que sejam suas origens. Os teatros onde aconteciam as conferências, serviam de ambiente na promoção abolicionista, e todo tipo de discurso que expunha a sordidez da escravidão era bem-vindo. Não obstante, o religioso não era impugnado, pelo contrário, havia liberdade em explanar a fé cristã como aliada ao movimento abolicionista. Não era só o discurso político que alcançava as pessoas, mas a fé também tinha seu poder de alcance.

Na Epístola do apóstolo Paulo aos Efésios, capítulo 6, o versículo 9 diz: “E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, sem ameaças, sabendo que o Senhor deles e vosso está nos céus e que ele não faz aceção de pessoas”. A referência orienta como os senhores deviam tratar seus escravos. No início do capítulo, Paulo adverte aos efésios como deve ser a relação entre pais e filhos e senhores e escravos, ensinando o respeito mútuo. A palavra no grego para escravo é *δούλος* (*doulos*), em algumas versões bíblicas no português é utilizada a palavra servo, que no grego é *υπηρέτης* (*ypirétis*).² Em Efésios o termo original no grego é escravo e o conceito nas Escrituras Sagradas é o trabalhador pertencente ao seu dono. No período neotestamentário não há sistema escravista, devendo ter o cuidado de aplicar o conceito e toda sua estrutura do século XVI para dar o mesmo sentido no primeiro século da era cristã, configurando um anacronismo. Durante a escravidão o mau uso da religião cristã com interpretações equivocadas ajudou a reforçar o sistema escravista e toda sua incongruência.

Os discursos religiosos de abolicionistas europeus e americanos serviram de combustão para reforçar a extinção escravista no Brasil. Discursos inflamados foram ganhando a arena política submetendo o comportamento cristão a se tornar cada vez mais avesso à escravidão. Apesar da posição da igreja em não declarar oficialmente apoio ao movimento abolicionista, o catolicismo no Brasil não evitou a presença e manifestações de abolicionistas de outras confissões, e também não os reprimia. Preservar suas tradições teológicas e doutrinárias, não aderir ao movimento abolicionista e configurar princípios engessados em um ambiente que borbulhava para o republicanismo e extinção escrava, mostrou que a igreja católica não obteve forças para impedir as vozes cristãs de outros segmentos – até mesmo os seus adeptos – cujos espaços não era o sagrado, mas o profano: teatros, ruas, quilombos e repartições dos jornais. O abolicionismo caminhou sem a parceria oficial da igreja até 1887, mas a fé cristã não era um exercício somente nos templos e em festas religiosas, ela estava no interior das

2 The Greek New Testament. Germany: United Bible Societies, 2014, p.671.

peçoas. Esse interior se comunicou com tantos outros que passaram a discursar uma fé que deslegitimasse um cristianismo favorável à escravidão. Quando houve necessidade de usar o templo em sermões calorosos refutando a escravidão, sacerdotes não hesitavam em fazê-lo.

A escravidão não deve e não pode mais existir. Ela não é só condenada pelas leis divinas e eternas; é também pelo pelos progressos e civilização da humanidade. As circunstâncias que a acompanham, as consequências que dela dimanam, tudo conspira contra tão iníqua e bárbara instituição. (CANABARRO, 1887, p.9)

O trecho acima faz parte do sermão pronunciado pelo vigário cônego Augusto Canabarro no dia 13 de novembro de 1887 na igreja matriz da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, e dirigida ao episcopado e clero brasileiro. A mensagem trata a questão escrava destinada a seu fim e todos deveriam se envolver com a causa, mostrando que os sacerdotes também estavam descontentes com a escravidão. Os cristãos em suas variadas vertentes cediam espaços, escreviam, discursavam e se apropriavam de todos os instrumentos cooperadores da causa abolicionista.

2 ALICE E A TRADUÇÃO DO TEXTO BENEFÍCIOS DO CRISTIANISMO

Em 1881, o jornal *Gazeta da Tarde* publicou um trecho de mais uma tradução em francês de Alice Clapp, intitulado “Benefícios do Cristianismo”. Sua veia literária demonstrava prazer pela língua francesa. Não há menção de qual livro teria retirado a tradução e a *Gazeta da Tarde* foi o único periódico a publicar. O trecho traduzido pertence a um livro aprovado pelo conselho de instrução pública de Paris e adotado no Collégio Brasileiro, onde Alice estudou. O jornal elogiou mais uma vez a ação de Alice em contribuir com mais uma importante tradução, saindo um pouco do tema político para exposição da fé cristã.



“A jovem Alice Clapp, filha do nosso amigo João Clapp, no intuito de prestar um serviço à humanitária propaganda da libertação dos escravos, deliberou se a traduzir alguns escritos atinentes a esse assunto”.

Entre os inúmeros benefícios do cristianismo deve se contar a abolição da escravidão. Jesus veio livrar o mundo deste excesso de desonra e de miséria proclamando a igualdade de todos os homens como orçados pelo mesmo Cristo. Depois disto infelizmente os povos Cristãos restabeleceram a escravidão na América e nas ilhas do novo mundo comprando

negros da África como animais de carga para fazê-los trabalhar a chicotadas, ou na exploração das minas de ouro ou de prata, na cultura do café, do cacau e da cana. Na época presente um grande número destes infelizes geme na escravidão mas o princípio da liberdade universal foi proclamada pelo Evangelho, há dezoito séculos, e desenvolveu-se de século em século. Há de chegar o tempo em que esta escravidão será completamente abolida, pois que leis muitos severas castigam hoje os homens cruéis que querem vender ou comprar a liberdade ou a vida de seus semelhantes.³

Imagem 1 – Artigo de Alice Clapp, Benefícios do Cristianismo.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Gazeta da Tarde, 1881, 1 de fevereiro de 1881, ed.28, p.2. Biblioteca Nacional.

Não há referência de qual livro Alice extraiu a tradução e qual é o autor ou a autora da obra, mas é de origem francesa, daí supor que o escritor ou escritora construiu a hermenêutica fundamentada nos aspectos similares da vida de Jesus e a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*. Nos ideais de Cristo, a tradução ampliou os direitos a todos, “a igualdade de todos os homens como orçados pelo mesmo Cristo”, expressas em muitas passagens dos evangelhos.

O texto não é do próprio punho de Alice, mas ao traduzir parte da identidade cristológica de Jesus que não se constituiu opressor, e sim, proclamou igualdade entre os homens e liberdade universal, significa tanto que ela era favorável à mensagem do texto, bem como, é uma quebra dos paradigmas doutrinários de séculos anteriores que reforçaram a escravidão. A denúncia do sofrimento da escravidão contida no texto comparada ao discurso de Nicolau Moreira, provam a crueldade como os escravizados eram tratados, afinal, Alice e Nicolau foram testemunhas oculares das aflições diárias vividas pelos negros. No trecho traduzido por Alice, tanto menciona a prática escrava como a postura cristã. O correto é não se alinhar, pois as divergências são claras entre seguir a Cristo, alguém convertido ao seu princípio, e àquele que comercializa o africano. No início preferiram traficar homens, mulheres e crianças como produtos e não gente, contudo, ser cristão não combina em permanecer na cegueira prolongada aprovando o escravismo. A esperança é apresentada como fato a ser cumprido, em que haverá a abolição da escravatura e com isso Cristo será glorificado. O benefício do cristianismo é o oposto ao sistema que a escravidão impôs à gente africana; é libertador; promove o bem comum e não faz distinção de cor ou classe social. Ser cristão e concordar, justificar e aliciar o ser humano à escravidão é dicotômico, mas o ser humano tem em sua essência ser contraditório, abrigando dois seres dentro de si; uns mais, outros menos.

O texto convida à reflexão entre Cristo e seus seguidores convidando, se opondo contra comportamentos contrários ao seu amor e compaixão, pois “Jesus veio livrar o mundo deste excesso de desonra e de miséria”. No período de quase quatrocentos anos de escravidão, o negro foi subjugado e submetido à esfera mais baixa da sociedade, tendo a miséria intelectual

3 Gazeta da Tarde, de 1881, 1 de fevereiro de 1881, ed.28, p.2.

com o analfabetismo; miséria social na perda de direitos; miséria física de mortes produzidas por intensos castigos; miséria familiar no afastamento entre cônjuges, pais e filhos e a miséria individual coisificando sua identidade humana.

Alice não foi a única a expressar a mensagem elucidativa do evangelho. Ela demonstrou no texto o afeto ao povo escravo à quem acompanhava desde menina. Os sinais são bastante evidentes para concluir que ela aspirava pela abolição dos escravos e contribuiu com seu letramento, no qual era capacitada. Explicou república, descobriu a Suíça como modelo republicano de país em desenvolvimento e traduziu a cristologia mais afinada com o negro, do que apresentar punições com leituras descontextualizadas e má interpretadas da teologia neotestamentária.

CONCLUSÃO

É possível que Alice tenha produzido outras traduções ainda desconhecidas com a mesma pretensão informada pelo jornal. A introdução do texto na *Gazeta da Tarde* “A Filha de Um Abolicionista”, reforça que ela estava acompanhada e legitimada pelo seu superior, o pai. Para dar mais credibilidade ao seu escrito, era preciso lembrar que não era uma moça qualquer, uma desconhecida, um nome solto, mas filha, pertencente ao pai, que neste caso era João Clapp. O papel de Alice também é reconhecido pela sua fé cristã; sua identidade religiosa corroborou para acertar a prática dentro do movimento abolicionista. Outros nomes relacionados no artigo como o de Nicolau Moreira e o do cônego Augusto Canabarro, reforçam a presença de cristãos mais ativos deixando claro que a fé cristã não coadunava com a escravidão. Quando a igreja se cala diante de cenários sociais e históricos inversos ao protagonismo de Jesus, ela não exerce o seu *kerigma* em anunciar a verdade. A igreja oficial e a militante precisam denunciar toda vez que existe injustiça e flagelo social, sem perder a noção de que o primeiro compromisso é com Cristo. Na práxis cristã a bem aventurança dos que têm fome e sede de justiça é serem saciados. Não é legítimo querer justiça e não praticá-la ou denunciá-la. Quando os membros do movimento abolicionista brasileiro denunciaram os absurdos da escravidão e trouxeram para o discurso público a pessoa de Cristo, se posicionaram do lado certo e trouxeram à história da igreja o fervor e ação que sempre lhes são coerentes.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ângela. *Flores, Votos e Balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

Bíblia de Jerusalém. Vários Autores. São Paulo: Ed. Paulinas

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

- CAIRNS, Erlic. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CANABARRO, Augusto J. de Siqueira. *Sermão Sobre a Escravidão*. Pelotas_RS. Typ. da Livraria Americana, 1887.
- CLAPP, Alice. *Catechismo do Bom Republicano*. Redactor do Correio de Paris. Tradução de Alice Clapp. Alumna do Collegio Brasileiro. Rio de Janeiro, 1877.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. *Colégios-Internatos nas Páginas do Almanak Laemmert (1845-1889)*. Revista Clio, UFPE, Pernambuco, v.31, n.1, jan-jun/2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24368/19738>>. Acesso em: 27 set. 2024.
- FONSECA, Luis Anselmo. *A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo*. Bahia: Imprensa Economica, 1887.
- HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KISTEMAKER, Simon J. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- MOREIRA, Nicolau. Discurso na 9ª Conferência da Associação Central Emancipadora no dia 19 de setembro de 1880. *Gazeta da Tarde*, 28 de setembro de 1880, ed. 69, p.3.
- MÜLLER, Armino L. *O Começo do Protestantismo no Brasil*. Porto Alegre-RS: EST, 2003.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo e MACENA, Fabiana Francisca. *Mulheres e Política: a participação nos movimentos abolicionistas no século XIX*. Revista Mosaico, v. 5, n. 1, pp. 45-54, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2417>>. Acesso em: 27 set. 2024.
- PAIVA, Ângela R. *Católico, Protestante, Cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- SOUZA, Ricardo Luiz. *Catolicismo e a Escravidão: o discurso e a posse*. Foz do Iguaçu-PR: Edunila, 2020.
- The Greek New Testament. Germany: United Bible Societies.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Erichim-RS: Edelbra, v.5, 1998.